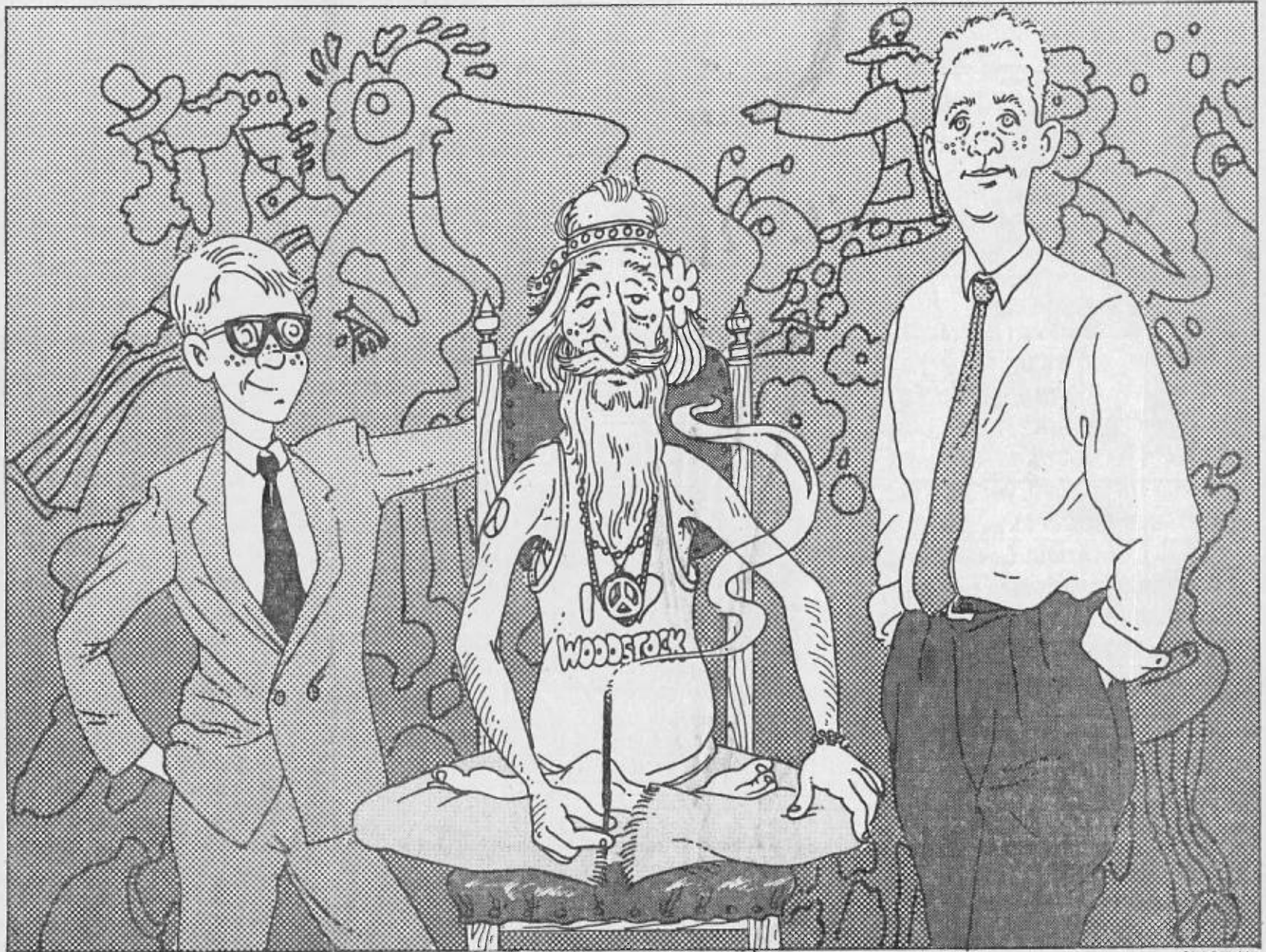


# O ESTADO DE S. PAULO

16 DE AGOSTO DE 1989



# Woodstock, aos 20 anos, revê os seus valores

*Ecoss do festival ainda reverberam no que sobrou do movimento hippie no País*

LINA DE ALBUQUERQUE  
e CRISTINA RAMALHO

Assim como a flor da papoula, a matéria-prima do ópio, a cidadezinha cercada de pastos do estado de Nova York viveu apenas três dias e três noites: há vinte anos, nos dias 15, 16 e 17 de agosto, acontecia na pequena Bethel, de três mil habitantes, o maior festival de música "pop" do mundo, que reuniu 500 mil pessoas, a maioria com menos de 30 anos. As dimensões do festival de Woodstock, no entanto, ultrapassaram o atrativo inicial formado pela constelação de astros como Jimmi Hendrix, Joan Baez e Janis Joplin. Woodstock virou símbolo dos ideais libertários da contracultura.

No Brasil, Woodstock foi responsável por fazer a imprensa abrir os olhos para o fenômeno do "desbunde". Curioso, o País acompanhou os três dias de vida da papoula e seus jovens que fumavam maconha, faziam meditação transcendental, dançavam rock alucinadamente e tomavam banhos nus nas cachoeiras. "Antes de Woodstock, a informação sobre a contracultura era escassa no Brasil", nota o jornalista Luiz Carlos Maciel, autor do livro *Anos Sessenta* e um dos primeiros a escrever sobre o tema na sua coluna *Underground*, do velho *Pasquim*. Para ele, o festival apresentou aos jovens brasileiros a fantasia coletiva chamada por John Lennon de "O Sonho": o alcance de uma liberdade total.

Não há dúvidas de que o movimento hippie no Brasil se fortaleceu após o festival. Alguns sugerem, como o próprio Maciel, que ele só teria surgido como consequência da difusão dos acontecimentos de Woodstock. Mas mesmo os que não viveram em comunidades ou levantaram

a bandeira da palavra dropout — um dos lemas mais radicais da contracultura, que quer dizer "cair fora do sistema" — beberam e bebem até hoje da fonte do desbunde, em doses variadas. O bem-sucedido arquiteto paulista Eduardo Longo, por exemplo, hoje com 47 anos, é categórico ao afirmar que a onda hippie provocou uma verdadeira revisão de valores na sua vida. Ele chega a atribuir o seu amadurecimento atual ao movimento. "Até as coisas que tomei naquele período me permitiram idealizar projetos ousados, como a casa em forma de bola onde morei", conta ele.

Os hippies ortodoxos, porém, não tiveram vida longa no Brasil: à medida que amadureciam, abandonavam as atitudes mais radicais e começavam a restabelecer vínculos com a sociedade de consumo. "O movimento hippie deixou como herança o gostinho de ir contra", avalia a artista plástica Isabela Nascimento Frade, que desenvolve uma tese de mestrado na Universidade de São Paulo (USP) sobre a descaracterização das feiras hippies. "A proposta de revolucionar o mundo não aconteceu, o que sobrou foi só o amor à natureza", constata.

A ligação com a vida natural é primordial para todos os que ainda mantêm os ideais hippies, como o casal de artesãos José Roberto Melato, 36 anos, e Luísa Gonzales, de 40. Embora não tenham "se rendido ao sistema" e continuem se sustentando de modo alternativo, eles sabem que Woodstock ficou para trás. "Passados 20 anos, os valores são outros, fumar maconha e ficar grávida sem casar perderam a graça como contestação", afirma Luísa. O casal não teve filhos, mas Luísa observa que as crianças de seus amigos hippies são muito mais "carentes" que os pais. "A rebeldia hoje é só sinônimo de violência."

## Filho de Torquato quer voar

Tiago de Araújo Nunes é um garoto de 19 anos que já foi metaleiro, piloto aviões e sonha ser comandante da Varig. Muito distante de Woodstock, ele jamais se identificou com o movimento hippie ele em matéria de música, curtiu mesmo o *Rock in Rio*. Sua história é semelhante às de milhares de brasileirinhos dos anos 80, com uma única diferença — ele é filho do poeta Torquato Neto, um ícone da contracultura nacional, que fez a cabeça de toda a geração 70, com o livro "Os Últimos Dias de Paupéria".

Quando Torquato se suicidou, Tiago tinha dois anos e, de

lá para cá, não conviveu com ninguém dessa época, nem seus amigos são filhos de pais de vida alternativa. O dia-a-dia desse moço carioca se resume a pilotar, ir ao cinema e a esticadas ao Baixo Leblon.

Convencido de que a rebeldia *flower-power* teve sua razão de ser naqueles tempos, ele acha graça em que ainda acredita na filosofia hippie. "É mais ridículo do quem irritante", sentencia. O que o irrita, às vezes, é sua impressionante semelhança com o pai famoso: "É sempre a mesma coisa, todos acham que eu sou a cara do Torquato".

## Riroca agora se chama Sara

A filha mais velha do casal de músicos Pepeu Gomes e Baby Consuelo tem 16 anos, mas se chama Sarah há apenas dois. Durante 14 anos, Sarah teve de atender ao ser tratada de "Riroca" — "Casa do Amor", em tupi —, nome escolhido pela "mãezinha Baby", numa época em que era moda batizar os rebentos da contracultura com palavras da natureza ou sons de origem indígena ou indiana. "Eu ficava constrangida toda vez que tinha de repetir o meu antigo nome e ninguém entendia", confessa a estudante do segundo colegial, que definitivamente não pretende seguir a carreira dos pais.

Amante de Mozart e Vivaldi

e apaixonada pelo balé clássico, a nova Sarah se considera uma garota retraída, que não gosta de aparecer. "Nunca desejo ser a mais bonita da festa, para não ser notada", revela. "Deve ser algum bloqueio inconsciente". A filha dos ex-Novos Baianos é totalmente contra drogas e não frequenta praia, porque acha que o sol faz mal a pele. Quando terminar o segundo grau no Rio, talvez se mude do País para estudar moda. "Dizem que sou 'chic-doida': adoro usar roupas da moda de cores descombinadas." Quando Sarah-Riroca nasceu, Baby Consuelo tinha 19 anos. "Deve ser por isso que, às vezes, ela me diz que pareço sua mãe", brinca.



AE-6/9/73

Riroca, hoje Sarah, com a mãe Baby: "Constrangida"